

A HISTÓRIA DE LIS E MEL

Unidas pelo CORAÇÃO

Gêmeas gostam de fazer tudo juntas, mas na escola estão em turmas separadas. O médico Benício Oton liberou a ginástica

» AILIM CABRAL
» ADRIANA BERNARDES

Depois da cirurgia de separação, feita quando as meninas tinham 11 meses de idade, em abril de 2019, o primeiro sentimento percebido nas pequenas foi a saudade recíproca. Lis reagiu a estímulos dois dias depois do procedimento, Mel demorou sete dias e, enquanto se recuperava, foi acometida por uma febre de 40° que não tinha explicação médica. “Estavam há uns 15 dias sem se ver e um dos médicos disse que era saudade da irmã. Elas estavam isoladas para evitar contaminação cruzada, mas o médico disse que era hora de juntar as duas. Mel melhorou do dia para a noite”, lembrou Camilla, emocionada.

As irmãs se olharam, se tocaram e, apesar de passarem por uma estenoante cirurgia de separação física, nunca mais largaram uma da outra. Camilla conta que em uma das únicas vezes que as duas resolveram fazer programações diferentes, aos 6 anos, uma não parava de falar da outra.

Como acontece com muitos irmãos gêmeos, uma delas é mais dominante, papel vivido por Mel. Em um dia deste ano, Lis queria ir para uma festa de aniversário e Mel queria ficar em casa, por não querer se separar da irmã, a primeira desistiu de passear. “Eu não deixei. Falei assim: ‘Lis, você quer, então você vai’. Não queria que ela desistisse só por causa da irmã, e a Mel não foi. Passou um tempo, ela, que estava em casa comigo, ficou pedindo para ligar para a irmã Lis para saber se estava tudo bem”, disse Camilla, rindo.

Lis também não parou de pensar em sua gêmea. Durante a festa inteira saiu recolhendo brindes, desenhos e doces para levar para Mel. Depois disso, raramente as duas fazem alguma programação uma sem a outra.

Este ano, a família se mudou para uma nova casa e as duas escolheram continuar no mesmo quarto. Elas dormem juntas em uma cama de casal, que também foi escolhida levando em consideração a preferência delas e, muitas vezes no meio da noite, quando os pais vão conferir se estão bem, as encontram dormindo abraçadas.

Na escola

Este foi o primeiro ano em que elas ficaram em turmas separadas na escola. “Foi uma observação nossa e do colégio, avaliando o que era melhor para elas. A Lis era um pouco mais dependente e as duas precisavam desse processo (de distanciamento). Lis chorou muito no começo, mas agora elas estão adaptadas”, contou a mãe.

Além das aulas, as irmãs começaram a fazer ginástica, um dos poucos esportes que elas podem praticar. Camilla conversou com o sempre presente doutor

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A Press



Momentos de alegria: a energia de Mel e Lis contagiou a reportagem do Correio durante a entrevista com a família, em Ceilândia Sul

Benício Oton, que liberou a dança. Lis e Mel não podem fazer nenhum esporte de impacto ou que ofereça riscos de batidas na cabeça. Os ossos do crânio ainda não estão 100% fortalecidos e é como se as irmãs tivessem uma grande moleira.

O futuro

No bate-papo com Camilla e a reportagem foi cheio de risadas, brincadeiras e muita emoção. Rodrigo não é fã de entrevistas e deixa a tarefa para a mulher, enquanto fica com as filhas. Ao ser indagada se pretendem ter mais filhos, Camilla ri e respira fundo antes de responder. Embora diga que não existem planos para um novo bebê tão cedo, a possibilidade não está descartada. “Eu tenho vontade de viver a experiência de ter só um bebê, aquela coisa de poder dar toda a atenção. Mas aí tem o medo de virem gêmeos de novo e de voltar para a rotina de nenéns, logo agora que elas estão tão independentes”.

Ela e Rodrigo, que comemoram mais

de uma década juntos, passaram por um breve período de separação logo depois da cirurgia de Lis e Mel, mas pouco tempo depois resolveram dar uma nova chance para o casamento, que segue firme e forte. Na hora de tirar as fotos, as irmãs correm para chamar o pai. “Eu falei que dessa vez pelo menos nas fotos ele ia sair!”, brincou Camilla.

Fãs do filme da Disney, *Descendentes*, cheio de músicas e números de dança e firmes nas aulas de ginástica, um futuro artístico parece combinar bem com as gêmeas, que também adoram brincar de boneca. “Mel, qual é o nome daquele filme que a gente assiste todos os dias?”, pergunta Lis enquanto as duas mostram as várias Barbies, que vão desde a romântica Rapunzel até as radicais *Monsters High*.

Mel, que também não tem certeza do nome do filme, pergunta para a mãe e sai correndo para dar um superabraço no fotógrafo do *Correio* enquanto nos despedimos: “Tchau, bonitão”, completou, arrancando risadas de todos.

Memória

Maria Clara Oliveira/HCB



Mel e Lis: gêmeas siamesas se reencontram pela primeira vez depois da cirurgia de separação no HCB, em 2019

O CASO DAS SIAMESAS DE BRASÍLIA PASSO A PASSO

A CONDIÇÃO

As gêmeas nasceram com uma condição conhecida no meio médico como craniopagia, ou seja, elas eram unidas pela cabeça. Histórias assim são raras, acontecem uma vez a cada 2,5 milhões de nascimentos. No caso das duas brasileiras, elas estavam unidas pelas testas

CAUSA

A gemelaridade imperfeita, como é tecnicamente conhecido o caso de gêmeos siameses, acontece uma vez em cada 100 mil nascimentos. É causada por um erro na divisão celular após o 12º dia da concepção em embriões de gêmeos de um único óvulo e um espermatozoide

O NASCIMENTO

As meninas nasceram no Hospital Materno-Infantil em junho de 2018. Como o pré-natal já indicava que elas eram siamesas, toda uma equipe de profissionais, de diferentes áreas, foi mobilizada para realizar o parto, que foi uma cesariana. Pelo menos 12 médicos acompanharam o caso desde a gestação

DIAGNÓSTICO

Após o nascimento, confirmou-se que

as irmãs estavam ligadas pela testa e dividiam pele, parte do crânio e meninge, um conjunto de membranas que reveste o cérebro. O fato de as crianças não dividirem nenhum órgão vital foi uma ótima notícia, pois esse fato diminuía consideravelmente o risco de uma delas morrer durante o procedimento de separação ou mesmo de ficar com sequelas graves após a cirurgia

PREPARAÇÃO

Toda a preparação incluiu reuniões, análise de exames, estudo de outros casos e até a construção de um molde tridimensional da cabeça das crianças

ESPERA

O principal obstáculo à cirurgia era esperar que as crianças estivessem fortes o suficiente para passar pelo procedimento cirúrgico. Assim, elas foram acompanhadas durante os primeiros meses de vida para que ganhassem peso e ficassem prontas

A OPERAÇÃO

Finalmente, no sábado 27 de abril, pouco antes de as meninas completarem 11 meses, a cirurgia foi realizada com sucesso no Hospital da Criança de Brasília, por uma equipe de profissionais da cidade.



Eu, repórter

Resiliência e sensibilidade

Como acontece desde que nasceram e se tornaram mundialmente conhecidas, Lis e Mel derretem os corações de todos que têm a sorte de encontrá-las. Aqui, peço licença aos leitores (e aos meus

editores), para abusar da primeira pessoa e fazer uma confissão. Como mãe de primeira viagem — de gêmeos, dois gurus de um ano e três meses — me aprofundar e escrever histórias de crianças e famílias que passaram por tantos desafios é um pouco assustador, sou uma pessoa sensível por natureza e fiquei em dúvida se daria conta sem acabar chorando em momentos inadequados.

Mas ao colocar os olhos em Lis e Mel, ver as irmãs com 6 anos, brincando e sendo imensamente felizes como se o mundo nunca as tivesse desafiado com a própria vida, é impossível parar de sorrir, e a bem da verdade, apareceram aqui e ali aquelas lágrimas de emoção, que acredito ter disfarçado com sucesso, no papo alto astral com Camilla, que me surpreendeu imensamente com sua força e a alegria de viver que nunca foi abalada.

Em muitos momentos, me vi em Camilla e, mesmo tendo compartilhado de alguns dos sentimentos dela na minha própria gestação, é impossível imaginar a avalanche que tomou conta daquela nova mãe ao descobrir a condição rara e que colocava a vida das filhas em risco. E isso só aumenta a admiração pela força que ela teve e tem para garantir que Lis e Mel recebam os melhores cuidados possíveis, além de todo o amor.

E sem querer roubar mais espaço dessa história linda sobre uma família forte, cheia de fé e feliz, agradeço a Camilla e ao Rodrigo por terem colocado duas crianças tão amorosas e cheias de luz no mundo, e por nos permitir fazer parte dessa trajetória desde o início. A família é um exemplo de resiliência e é gratificante poder observar de perto a vida seguindo seu curso e Lis e Mel experimentando o privilégio de serem crianças. (Ailim Cabral)